



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

VERÔNICA BATISTA VIEIRA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO
DE PROFESSORES E ALUNOS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

VERÔNICA BATISTA VIEIRA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO
DE PROFESSORES E ALUNOS**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



V665a Vieira, Verônica Batista.
Avaliação da aprendizagem na concepção de professores e alunos / Verônica Batista Vieira. - Cajazeiras, 2009. 40f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Relação professor-aluno. 3. Avaliação educacional. I. Lima, Janete Maria de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.015.3

VERÔNICA BATISTA VIEIRA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES E
ALUNOS

Aprovada em ____ / ____ / ____

Prof. Ms. Janete Maria de Lima

Orientadora

Cajazeiras – PB

2009.

“... ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; ensinar exige a convicção de que a mudança é possível; em fim... segurança, competência profissional e comprometimento. Ensinar exige respeito ao saber dos educandos”.

Paulo Freire (Pedagogia da Autonomia)

**Com muita esperança, às crianças
do Ensino Fundamental das
escolas públicas do nosso país,
dedicamos.**

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela força e coragem nos momentos mais difíceis.

AO MEU ESPOÇO E FILHOS, pela compreensão.

AOS MEUS PAIS, pela paciência de esta sempre colaborando com o meu trabalho.

AOS MEUS IRMÃOS, por ter sempre me acompanhado neste trabalho.

A PROFESSORA MARIA JANETE, pelas orientações, paciência, apoio e inventivos nas horas em que pensávamos que não conseguiríamos.

AOS COLEGAS DA TURMA, de modo geral, pela partilha das angústias, medos, incertezas, alegrias, etc.

A DIREÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA, pela recepção e acolhida.

AOS PROFESSORES PESQUISADOS, pela paciência e colaboração.

Resumo

O presente trabalho tem por tema: Avaliação. Ao realizarmos o presente estudo optamos por uma pesquisa de caráter exploratório onde explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno. Os dados serão coletados e realizados na escola M.E.F. Galdino Antonio da Cavalcante da Silva, em Carrapateira PB, o estudo que iremos realizar nesta pesquisa está relacionado alguns questionamentos no tocante as mitologias da avaliação. No decorrer das ultimas décadas o processo de avaliação educacional tem sido objeto de discussões e estudo por parte de teóricos e educadores, que estão preocupados em desvelar as contradições e equívocos do mesmo. Quando surgiu a oportunidade de trabalharmos uma temática na área educacional nos detivemos na questão acima citada, avaliação escolar, mas especificamentê em como se dá a participação da ação supervisora neste processo, buscando, assim, elementos que nos possibilite uma melhor compreensão do mesmo. É necessário que o professor busque novas estratégias e demonstre real interesse em entender novo maneiras de avaliar. Não importa o tamanho do trabalho que irá realizar, importa o sucesso dos resultados que irá obter. O educador deve explicar o porquê dessa avaliação para si e para seus alunos. Para cada tipo de avaliação há uma maneira de se realizar. Reconhecemos que cabe a nós professores encontrar meios para que a avaliação seja uma estratégia inovadora e busque soluções para o problema da aprendizagem do educando afim de que eles possam adquirir, cada vez mais, o gosto de avaliar. É papel de o professor levar os alunos a entender que a avaliação faz parte do seu cotidiano e que é através dela que, eles podem obter as informações desejadas.

Palavras- chave: Avaliação, professor, alunos.

SUMÁRIO

Resumo

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

1- Avaliação: caminho para a renovação.....	9
1.1 A avaliação tradicional mostra sua face diante dos resultados	9
1.2 Avaliação como sistema controlador.....	11
1.3 A busca de uma avaliação construtiva.....	14
1.4 A avaliação no meio acadêmico.....	14
1.5 A pedagogia da avaliação.....	16
1.6 Avaliação e a produção do sucesso, fracasso escolar dos alunos.....	20
1.7 Situando o estudo através da avaliação.....	22
1.8 Uma retrospectiva da avaliação.....	23

CAPÍTULO II

2.1 Percursos metodológicos e estudos de casos.....	25
2.2. Características da Escola.....	25
2.3 Análise dos dados.....	29
2.4 Como pensa os professores.....	30

2.5 O que dizem os alunos.....	31
2.6 Análise do Estágio.....	32
Considerações finais.....	35
REFERENCIA BIBLIOGRAFICA.....	38
ANEXOS.....	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por título: avaliação da aprendizagem na concepção dos professores e alunos. O mesmo visa demonstrar a professores e alunos a eficiência que este importante instrumento de trabalho é capaz de fazer. É lamentável saber que os professores na atualidade, ainda trabalham o método tradicional, ainda persistem aquelas rotinas carregadas de autoritarismo, utilizando-se copias ou leituras que estão fora de sua realidade social ou cognitiva.

A pesquisa foi realizada na E.M.E.F. Galdino Antonio da Silva em Carrapateira/ PB, optamos por um estudo de caráter exploratório, onde explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior formalidade em relação ao um fato ou fenômeno. No decorrer das últimas décadas o processo de avaliação educacional tem sido objetivo de discussões e estudo por parte de teóricos e educadores, que estão preocupados em desvelar as contradições e equívocos dos mesmos.

Nesta perspectiva a avaliação é concebida como “um fenômeno indefinido”. Ou seja, não sabemos por que, como e para que avaliamos, por isto consideramos relevante o desenvolvimento de um trabalho que contemple as muitas dificuldades vivenciadas no cotidiano da escola, objetivo da nossa pesquisa, no que se refere ao processo avaliativo.

Quando surgiu a oportunidade de trabalharmos uma temática na área educacional nos detivemos na questão acima citada, avaliação escolar, mais especificamente em como se dar a participação da ação supervisora neste processo, buscando, assim, elementos que nos possibilite uma melhor compreensão do mesmo.

Com o nosso trabalho pretendemos adquirir conhecimentos teóricos e confrontá-los com as práticas em salas de aula, visando descobrir elementos que favoreçam uma prática avaliativa mais justa, onde a “pedagogia do exame” (LUCKESI 1997) possa ser substituída pela pedagogia da construção, no qual todo o processo de ensino aprendizagem deve ser avaliado. Dispensar avaliação e reconhecer a classificação previa, pois se imaginar que todos são iguais não existe em uma sociedade, avaliar e sempre classificar tentar garantir aprendizagem do aluno como classifica qualquer sociedade que contem contextos classificatórios, as pessoas não são iguais também as mudanças ocorre sempre dos desiguais.

É necessário que o professor busque novas estratégias e demonstre real interesse em entender novas maneiras de avaliar. Não importa o tamanho do trabalho que ira realizar importa o sucesso que ira obter.

Acreditamos que a pesquisa traz discussões importantes que pode contribuir para novas atividades de avaliação. Reconhecemos que cabe a nossa professora encontrar meios para que a avaliação seja uma estratégia inovadora e busque soluções para o problema da aprendizagem do educando afim de que eles possam adquirir cada vez, mas, o gosto de avaliar. É papel do professor levar os alunos a entender que avaliação faz parte do seu cotidiano e que é através dela que, eles podem obter as informações desejadas.

Este estudo tem como objetivo geral: conhecer a postura dos professores e alunos frente às praticas avaliativas adota na escola. E conta ainda com os seguintes objetivos específicos: analisar os tipos de avaliação utilizada pelos professores em diferentes salas de aulas; conhecer a eficácia desses tipos de avaliações; identificar juntos aos alunos, como vêem os processos avaliativos; observar e analisar os conteúdos e disciplina que os alunos apresentam maior dificuldade nos processos avaliativos. Foi fundamentado na concepção de vários atores como: Luckesi, Jussara Hoffman, Pedro Demo, ente outros.

A metodologia foi: o estudo de caso, observação, aplicação de questionários alunos e professores. A relevância desse estudo deve-se ao fato de que as ponderações proporcionadas possibilitam uma maior compreensão acerca da pratica docente no trabalho com a avaliação, oportunizando em primeiro lugar a minha formação pessoal e profissional.

O trabalho esta estruturado em três capítulos, no primeiro esta o referencial teórico onde expomos as concepções da avaliação na visão de alguns teóricos, bem como a importância da avaliação na vida de educando e educadores, no segundo os percursos metodológicos dando ênfase aos instrumentos que foram utilizados na coleta dos dados, para tanto foram empregados os questionários e observações, ainda abordamos o papel da escola na formação de avaliadores críticos e assim como a importância e o papel da avaliação como ação que proporciona ao educando uma visão do mundo, o terceiro enfoca-se o espaço escolar como necessidade de uma avaliação do mundo de forma critica, política e cultural, ambiente de preparação da avaliação de forma consciente, lugar de construção, onde a avaliação deve ter tida como instrumento que proporciona o resgate da cidadania. E por fim as considerações finais resultando o valor da avaliação na vida social, educacional e política do educando.

CAPITULO I

1- Avaliação: caminho para a renovação.

Falar sobre avaliação é sempre um processo novo mesmo sendo uma polêmica uma velha companheira da estrada de professores e alunos. Não é pouco comum que ao falar de avaliação um educador faça a si mesmo muitas perguntas e perguntas estas que geralmente ficam sem uma resposta. Mas mesmo com essa problemática, o velho modo de avaliar através de exames continua, testando os alunos através de notas.

A qualidade da educação depende da avaliação, isto é certo, mas todo meio avaliativo deve ser refletido já que *“não há regras gerais em avaliação. Toda a situação precisa ser analisada em seu contexto”*. (Hoffman, 2001. p. 44). Os governantes criam avaliação para todos os níveis, porém apesar das críticas a avaliação no fundo tem um ponto de verdade, no sentido de que a qualidade educacional depende muito da avaliação. Não uma avaliação que como ato repressivo classifica, exclui e acima de qualquer coisa puni. Essas são avaliações que são obrigadas pelo sistema e que nada dizem.

Precisamos de um método avaliativo que leve em conta o envolvimento emocional do aluno, fazendo a ligação do que o aluno conhece com que o aluno virá a conhecer um processo contínuo, investigativo do aprendizado do aluno.

Temos visto muitas propostas neoliberais para a educação, que possuem finalidades diversas como privatizar excluindo ainda mais as classes populares e usar critérios quantitativos para apenas amontoar conteúdos e notas desprezando o sentido de avaliação, que é a aprendizagem.

1.1 A avaliação tradicional mostra sua face diante dos resultados

Um tipo de avaliação muito comum, usado por quase das as instituições escolares públicas e ou, particulares são os antigos exames que avaliam quanto o aluno aprendeu, ou deixou de aprender através da nota que expressará o quanto o aluno acertou e quanto o aluno errou. É um tipo de avaliação tradicional pobre e muitas das vezes excludentes, já

que ela pouco avalia a situação real do aprendizado do aluno e também um tipo avaliativo muito temido.

Avaliar não é colocar medo nos alunos, nem muito menos causar compromissos desagradáveis para o professor, avaliar é uma constante investigação, feita pelo professor sobre as concepções prévias do aluno como um ponto inicial do seu planejamento.

Uma avaliação tradicional nos revela um erro bem mais grave que é o de “*se atribuir conceitos e notas*” (Hoffman, 2001. p.132) a tarefa dos alunos. “*calculando médias aritméticas uma vez que elas não expressam conceitos construídos, mas investigam pontos de partida para a aprendizagem*”. (Hoffman, 2001. p.132).

A escola hoje não atende a maioria dos excluídos que vivem à margem da sociedade. E muitas vezes isto se dá pela ausência de programas escolares que visem as necessidades e individualidades dos menos favoritos, que sentem-se rejeitados pelo modo que é avaliado na escola.

Uma avaliação excludente que trabalha de maneira técnica e que não leva em consideração de novas propostas avaliativas que se coloquem em frente às questões técnicas, e que mostre de verdade uma mudança, que até hoje, as tentativas de mudanças foram superficiais deixando transparências profundas.

É preciso uma avaliação democrática com uma pedagogia de inclusão, que abandone a homogeneidade e se fundamente na heterogeneidade real, levando em consideração os conhecimentos que estão em construção, para a partir de então ser realizada a avaliação da aprendizagem e do desenvolvimento. Em um processo de diálogo que ultrapasse o cotidiano escolar e valorize a diversidade de cultura que o aluno possui.

Necessário se faz transformar a avaliação que não avalia, que nada diz e apenas classifica quanto às notas, que como disse Demo em seu livro, *Mitologia da Avaliação*, “*A avaliação se tornou trauma*” (1987, p.78) em uma avaliação mais inclusiva, mais aberta, os alunos enfim mais interessantes e mais responsáveis.

1.2 Avaliação como sistema controlador

Ao depararmos com a realidade nós encontraremos com a dificuldade que hoje está presente na mente dos educadores no que diz respeito a avaliação, fator que se antepõe ao sucesso escolar. De acordo com Vasconcelos a avaliação tem sido concebida com um momento terminal do processo ensino-aprendizagem, ou seja, VASCONCELOS, (1995:55). “... *tem havido uma imersão no sentido da avaliação: um meio de verificação de um processo acabou transformando-se no fim desse processo, na prática dos alunos e da escola*”.

Isso tudo traz uma evidência do que na verdade acontece entre a ação educativa e a ação avaliativa. Esse processo traz uma luta entre professor e a aprendizagem do aluno, ou seja, o professor se preocupa com o quanto o aluno merece, e o aluno se preocupa o quanto ele precisa para passar a série seguinte.

A avaliação nesse sentido torna-se um instrumento controlador que oferece muito medo e nenhuma ajuda o que prova sua função classificatória e não determinante do aprendizado, como afirma Luckesi (1997:33).

... um julgamento de valor sobre as manifestações relevantes da realidade tendo em vista uma tomada de decisão. Logo o objeto avaliado será tanto mais satisfatório quanto mais se aproximar do ideal estabelecido, e menos satisfatório quanto mais distante estiver da definição ideal, como protótipo ou como estágio de um processo.

Diante disso cabe-nos a pergunta: Qual a real função da avaliação? Para que serve dentro da escola? Para entendermos isso podemos voltar a história da escola antiga, onde estudam os filhos das pessoas ricas que não eram primogênitos, nem ser davam bem como os negócios da família, como explica Saviani (1983:02

*(...) nas sociedades antigas (modo de produção escravista) e medieval (modo de produção feudal) com a apropriação privada da terra, então o principal meio de produção, surge uma classe ociosa (que vive do trabalho alheio) e em consequência disso se desenvolve um tipo de educação diferenciada destinada aos grupos dominantes, cuja função é preencher o tempo livre de “forma digna”, isto é, aquilo que na idade média foi traduzido pela expressão latina *ontem cum dignitate*”.*

A escola só se abre para a classe popular após a revolução industrial, por isso, podemos dizer que ela é baseada na classe social dominante, ou seja, o processo avaliativo não é neutro ele depende de uma classe economicamente superior. E aí é que vem a idéia de que a avaliação não se resume ao âmbito escolar, ela estende-se muito além dos processos simples.

Hoje ainda não temos uma avaliação que leve em conta os meios sócio-culturais já que essas diferenças influem diretamente no processo de rendimento desses alunos. Utiliza-se então o mesmo método avaliativo para todos os alunos, o que muitas vezes não chega nem perto dos padrões culturais da grande maioria. Podemos relacionar esta perspectiva com a teoria de Tyler, que ficou conhecida como: “(...) *avaliação por objetivos (grifo de autor). Essa proposta passou a ser referencial teórico básico nos cursos de formação de professores, causando até hoje grande e duradoura repercussão nos meios educacionais*” (Hoffman 1997:39/40). Ou seja, na concepção de Tyler a avaliação deve ser um instrumento que promova mudança de comportamento do educando, logo deve ser entendida como um ato neutro, instrumental, não se questionando o peso das expectativas docentes do próprio ato avaliativo ou o impacto das diversidades dos universos são culturais dos alunos em seu desempenho.

Segundo, Luckesi (1997, p.30), desta concepção nascem três pedagogias diferentes: a tradicional, a renovada e a tecnicista, que são tradições de modelo neoliberal conservador da nossa realidade, o que implica compreendê-las como tentativa equalização social, é claro, sem sucesso. Percebe-se que cada uma apresenta em cadeira, características de avaliação diferenciadas pela proposta que as determinam o que será explicado a seguir.

A pedagogia tradicional é centrada no intelecto, ela está envolvida com a pessoa do professor e na transmissão dos dados, onde a avaliação também é realizada de maneira bem tradicional que é através de exames, de provas, exercícios e outros, dando total atenção aos acertos dos alunos.

A pedagogia renovada é centrada nos sentimentos, nos conhecimentos adquiridos espontaneamente baseia-se também no educando as diferenças individuais, onde prevalece a auto avaliação.

A pedagogia tecnicista é centrada na concepção tecnicista, ou seja, nas técnicas do meio de aprendizagem e principalmente de ensino. A avaliação nessa pedagogia consiste em avaliar se aluno aprendeu ou não o conteúdo aplicado, no entanto, o programa tem que ser conduzido de forma correta até o fim.

Todas essas pedagogias se valem da avaliação, segundo Luckesi (1997:30), *“para traduzir as aspirações do modelo social, por meio da educação, estabelecendo um ritual pedagógico de contornos suficientemente definidos, de tal forma que a integridade do sistema permaneça intocável”*.

Podemos entender as pedagogias, acima citadas, assim como Vasconcelos (1995:26) que: *“... o problema da avaliação ocorre na sala de aula, mas na sua base está no sistema de ensino, que corresponde a interesses de um determinado sistema social...”*.

Assim coloca a avaliação com um problema além do âmbito escolar, e que é antes de qualquer coisa uma grande questão política, ou seja, está relacionada ao poder, ou aos objetivos, a finalidade, ao interesses que estão em jogo, no trabalho educativo.

Para romper a velha e vigorante avaliação que tem por meio educativo exames consequentemente notas necessárias é segundo Vasconcelos (1995:47), *“(...) o deslocamento do eixo de preocupação do professor (...) qual seja, investir suas energias e potencialidades no controle do transmitido, e sim na aprendizagem dos alunos.”*

Assim, pensar a avaliação de forma a superar sua visão estática e classificatória significa pensar no processo de ensino-aprendizagem com um todo para trabalhar a favor da permanência do aluno no sistema de trabalho, buscando uma aprendizagem efetiva e significativa.

1.3 A busca de uma avaliação construtiva

A avaliação transformadora não se limita ao momento final do processo, ela o acompanha em sua trajetória de construção cotidiana. Busca identificar os padrões culturais dos alunos que chegam as escolas e os elementos necessários para ampliar esses padrões, através de uma relação de diálogo no dia-a-dia das práticas de ensino, o que pressupõe uma relação dialética. O que segundo Vasconcelos (1995:47) vai fazer com que “supere-se tanto o sujeito passivo da educação tradicional quanto o sujeito ativo da educação nova, em direção ao sujeito interativo”.

O professor deve deixar o aluno construir seu próprio conhecimento sem prender muito a conceitos prontos. O aluno próprio pode desenvolver seus conceitos de acordo com seu ponto de vista e os meios que formam.

O aluno só obtém aprendizagem quando ele próprio age sobre os conteúdos dados e age de acordo com as potencialidades que foram desenvolvidas nele e por ele.

Já sabemos que é o pano de fundo social e acadêmico que está por trás de todo esse processo avaliativo. Ao falarmos em pano de fundo, nos referimos as ampliações sociais do débito social da avaliação, que de acordo com a visão histórico-estrutural, toda sociedade repete, embora sempre em contexto próprio.

Atualmente a infra-estrutura exige essa linguagem de poder, da desigualdade, do mundo simbólico, da afetividade e subjetividade, do mercado, reconhecendo que em toda história conhecida, tais componentes sempre estiveram presentes.

1.4 A avaliação no meio acadêmico

No que se refere-se ao acadêmico, o ato de avaliar só se completa, se houver aprendizagem, contudo não há aprendizagem qualitativa sem avaliar. É preciso saber diferenciar abusos da classificação de teor repressivo, humilhante e punitivo, é efeito classificatório implicados em qualquer processo avaliativo, também quando dito qualitativo.

A finalidade da avaliação ao desencadear estudos, não é assim, a de simplesmente observar se os alunos apresentam ou não condições de “dar conta” das propostas delineadas, ou perceber, de início, os que apresentam mais ou menos dificuldades em determinada área. Mas a de conhecê-los cada vez melhor, tateando em busca de questões que verdadeiramente os provoquem a agir, à escuta de suas próprias questões, propondo em conjunto situações que lhes sejam verdadeiramente problemáticas a ponto de lhes despertar a atividade a curiosidade. (Hoffman, 2001.p.126).

Defendemos que na avaliação não se deve esconder qualquer problema implicado em processos avaliativos, com sua intrínseca incompletude, risco de subjetividade excessiva, implícitas injustiças e discriminações, mensurações, etc. é uma defesa que se dá de forma argumentativa em favor de um processo que está estritamente conectado com o compromisso formal e político do professor, de fazer o aluno aprender. A avaliação definida é a avaliação prestativa, não uma avaliação de fazer de conta, farsante ou mistificadora, que avalia e não permite ser avaliada, questiona e não quer ser questionado, pretende invocar, mas evita ser atingido pela invocação.

É preciso inovação. Inovação esta que aparece no plano de fundo acadêmico da avaliação sobretudo seu lugar metodológico mostrando que na pós modernidade é preciso não se enredar em contradições performativas para não correr o risco de avaliar e não suportar ser avaliado, uma vez que o modo de avaliar deve ser contestado por carência também lógica, não só democrática. Quando o avaliador tem a capacidade de inovação do conhecimento é retirado seu caráter desconstrutivo sendo que ser avaliado oferece a si mesmo como protótipo do fenômeno.

É vã a idéia de utilizar avaliação em defesa própria, não só porque acaba em um elogio falso, mas também porque suprime sua virtude metodológica central, que é saber, desconstruir para melhor construir. Essa para melhor construir. Essa defesa deve ser transparente para descobrir os erros e falhas e melhor reconstruir

O desacerto metodológico principal da avaliação está em esperar do conceito e da prática avaliativa apenas efeitos positivos deturpando os sentidos intrínsecos da crítica em

ciência. O efeito mais positivo na avaliação é descoberta analítica e honesta dos problemas, não seu escomotimento.

Por trás de certas mitologias da avaliação praia uma visão ingênua da realidade social, como se fosse viável acabar com as desigualdades sociais ou creditando todos os problemas ao capitalismo ou neoliberalismo. Quando se sabe que, o fenômeno da classificação não é invenção do capitalismo, mas parte de sua estrutura geral. O que o capitalismo acrescenta é seu condicionamento próprio, ou seja, a classificação é mais odiosa e injusta porque é feita pela inserção no mercado.

1.5 A pedagogia da avaliação

No que se refere a pedagogia, o desacerto é na questão do não diferenciamento dos alunos quando sabemos que cada um tem suas particularidades e trabalhamos em sala de aula como se todos vivessem em um só mundo, como afirma Hoffman,(2001. p.63).

Um dos grandes entraves ao melhor entendimento dos percursos individuais é o pressuposto de tarefas iguais para todos os alunos, de tempo de execução e ritimos de aprendizagem homogêneos e de explicações ao grande grupo ao invés de atividades diversificadas. E, decorrente disso, o pressuposto de observar os alunos em situações ou em tempos equivalente.

A própria idéia de aprendizagem contém esse incomodo comparativo quando ao desenvolver as potencialidades de cada um admitimos que são diferentes, o que já é mais que suficiente para um contexto social descambar em dinâmicas desiguais como promoção automática ou aprendizagem facilitada.

Nesse âmbito toda sociedade, ao realizar seu processo de socialização padroniza os comportamentos, os papéis, as normas, os valores e classifica as pessoas e grupos revelando tendências funcional da preferir a ou b, o melhor ou pior, e etc. Com a educação não é diferente, pois guarda profunda propensão seletiva. Não distribui simplesmente, mas prepara as pessoas para a luta deixando sempre transparecer que essa luta não deve ser vencida pelo mais forte, e sim pelo melhor preparado.

Preparação que o capitalismo está cada dia mais excluindo dos menos favorecidos com a exacerbação se m precedentes da desigualdade como tal.

Todas as sociedades estão vivendo e praticando esse fenômeno, variando apenas suas causas históricas, pois a desigualdade social não pode ser escondida, mas encarada para que seja possível confrontar-se de peito aberto e administrá-la democraticamente levando a sério. E principalmente quando se tem consciência que o processo educativo só é democrático se tiver viva a consciência do quanto pode excluir ou camuflar a exclusão.

Podemos ver a avaliação classificatória como um processo que está incluso na sociedade de classe e que é quase impossível limpar o teor classificatório de avaliar.

No que se refere ao aluno e professor. Em termos de aprendizagem, ambos podem trilhar o mesmo caminho, estão genuinamente aprendendo, apenas em estágio diferentes, mas em termos sociais em lugares opostos e diferentes.

O fundo classificatório de todo processo avaliativo não aponta necessariamente para a relação capitalista de classe, mas sim para relação de clivagem social genérica e que no capitalismo comparece mais nitidamente no confronto de classe. Em que a negação da marca classificatória da avaliação implícita desconhecer o contexto social da escola, mais do que se contrapor ao autoritarismo, isso ocorre quando evitamos avaliar.

Dispensar a avaliação é reconhecer a classificação prévio, pois se imagina que todos são iguais e isso não existe em uma sociedade. Avaliar é sempre classificar, tentar garantir a aprendizagem do aluno contém contextos classificatórios, as pessoas não são iguais, como também as mudanças ocorrem sempre dos desiguais. Assim como diz Hoffmann.

“Avaliar para promover: O processo avaliativo, em sua perspectiva mediadora, se destina, assim a acompanhar, entender, favorecer a contínua progressão do aluno em termos destas etapas: mobilização, experiência educativa e expressão do conhecimento... no sentido de favorecer a abertura do aluno a novas possibilidades”. (2001, p.118)

A avaliação é feita para classificar, buscar comparação, para saber da distância entre o lugar que ocupa no momento, e o lugar onde imaginamos que deveria estar, é um ato que possui duas funções, uma que incomoda para que haja interesse. E para avaliar é preciso pesar os prós e os contra, pois depende de como se avalia outra função é avaliar para garantir o direito de aprender, quer dizer instruir o caminho de resgate da causa. É impossível afastar o contexto classificatório da avaliação, uma vez que no sentido de verificar a aprendizagem de forma processual continua investigativa, inclusiva e independente é avaliar, não é escamotear nem classificar.

Avaliar é escalonar, tratar de questão de trabalhar levando em conta os contrastes existentes. Não apenas mudando a nota de por conceitos e anotações. Como também quando diz que um aluno não é satisfatório. Escalonar é medir o aluno é o mesmo que utilizar notas pois reduz a realidade a indicadores sobretudo quantitativos.

Esses indicadores resume-se em cinco, o primeiro refere-se ao quadro teórico interpretativo de fundo e para entender o que se imagina indicar vai depender de como se entende por aprendizagem. Essa aprendizagem pode ser um domínio de conteúdo, habilidade de saber pensar e argumentar. O segundo indicador restringe a abrangência da teoria e da realidade não passando de construto reduzido. O terceiro é o desafio de interpretação. O quarto refere-se a dicotomia entre quantidade e qualidade por que toda realidade é ao mesmo quantitativa e qualitativa. O sexto indicador fala a avaliação como processo que ao mesmo tempo em que revela, esconde por representar recorte selecionado e parcial.

No trato de notas, a mesma pode tornar a avaliação mais fácil ou mais difícil, o que não pode se fazer é esconder os problemas da avaliação pois tanto pode ser instrumento de aprendizagem, como também para qualquer, como compensar frustrações do professor, esconder segundas intenções, destrupar os objetivos declarados etc.

A nota em todas os seus âmbitos, não verifica a aprendizagem, reduz qualidade em quantidade, não valoriza os erros quando não há proposta de aprendizagem a nota é apenas ponto disperso na evolução do aluno fora do ambiente reconstrutivo a nota humilha,

prejudica a auto-estima; mostra sua incapacidade, não oportuniza circunstâncias para voltar continuar a aprender, incorporando intervenção autoritária, não há idéia de orientação para a aprendizagem, a nota quase sempre é dada de modo isolado. Na condição de interferência espontânea, a nota expressa a capacidade do professor de diagnosticar cuidadosamente o aluno.

O efeito escalar da avaliação precisa ser colocado para que ganhe algum sentido e possa atingir razões pedagógicas no sentido de acompanhar a evolução do aluno, ser linear, sensível e variações. A nota precisa refletir duas capacidades interligadas. Um diagnóstico verdadeiro sobre a situação do aluno em termo da aprendizagem, seja no plano curricular, seja no plano pessoal. A outra capacidade é o compromisso do professor de praticar as intervenções devidas para garantir o direito do aluno de aprender.

“Minha sugestão a professores de todos os graus é que criem, para si próprios, o compromisso de prestar atenção aos alunos, fazendo o exercício do registro - anotando em cadernos, pequenas notas, o que lhe chamar a atenção. (Hoffann”, 2001, p.203)

A nota pode tornar-se instrumento de avaliação quando seu reducionismo for compensado pela clareza maior da informação e da sinalização em torno do que fazer. Quando o aluno perceber que a nota é apenas expediente para garantir o direito de aprender; porque permite acompanhamento mais meticolosos do que táticos.

A nota não apresenta a aprendizagem, ela indica a aprendizagem, sempre sob risco de interpretações própria do professor e do aluno. A nota não indica aprendizagem, apenas auxilia na interpretação da aprendizagem que não se encerre nesse fim, ao contrário, leve sempre em conta a possibilidade de ser discutida e refletida e por fim quando o educador usar a nota não para mostrar sua autoridade, mas para declarar seu compromisso em a aprendizagem do aluno e permitira este seja cobrado nessa direção.

Como as outras teoria a avaliação deturba a realidade, por isso abre dois pontos de discussão sobre o assunto, uma é quando se diz ser impossível avaliar sem ter um pano de fundo. A outra, quando diz que é impossível apagar efeitos escolares da avaliação em

termos sociais, pois não cabe total isolamento ou imunidade, se o professor não tomar os devidos cuidados, pois pode colher frutos inesperados. “Aí se encontra um dos pontos de partida para a evolução das concepções metodológica e por decorrência dos instrumentos que estão a serviço de tais concepções. (Hoffmann”, 2001, p.203)

A nota pode ser mal ou bem feita ou facilmente abusada, quando bem feita, pode auxiliar a entender situações e tendências do processo de aprendizagem, os principais abusos da nota é ser concebida como algo definitivo, inamovível, indiscutível. Em que o aluno não pode contestar, o fato de ser reducionista demais, utilizar variabilidade extrema de critérios isolá-los com indicações seca sem alegar as razões da nota. Pendê-lo a prova, deixar ver que serve apenas para medir domínio de conteúdo, prendendo-se a visão qualitativa e por fim usá-la como arma, para abrigar dos alunos a presença, fazer as provas deixando de fora o compromisso com a aprendizagem, interpretação, crítica ou ofensa.

1.6 Avaliação e a produção do sucesso, fracasso escolar dos alunos

A realidade tem demonstrado a grande fala em avaliação, o que a tem colocado como um dos principais fatores responsáveis pelo fracasso escolar. Segundo Vasconcelos, (1995:55)

(...) tem havido uma inversão no sentido da avaliação: de um meio de verificação de um processo acabou transformando-se no fim desse processo, na prática dos alunos e da escola.

Assim a avaliação tem sido concebida como o momento terminal do processo ensino-aprendizagem. O que evidencia uma insistente dicotomia entre a ação educativa e a ação avaliativa.

Tal postura, traz como conseqüência a grande preocupação do professor em saber o quanto o aluno merece, e a do aluno em saber o quando ela precisa para passar de ano.

Desta forma a avaliação torna-se um instrumento de controle, medo, castigo, o que evidencia sua função classificatória tendo em vista que passa a ser usada como recurso para se obter os padrões de comportamento desejáveis: como uma arma (grifo nosso), para manter a disciplina e moldar (grifo nosso) atitudes de acordo com os padrões estabelecidas

pelo professor, ou seja, a avaliação assume uma função arbitrária como afirma Luckesi (1997:35).

(...) com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e funador do processo de crescimento; como a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação do crescimento para a autonomia do crescimento para a competência.

Diante de tal situação faz-se necessário buscarmos compreender qual a real função da avaliação dentro da escola que trabalhamos para tanto, nos reportamos a história da educação onde encontramos a história da educação onde encontramos a escola, nos seus primórdios como espaço dedicado ao ócio, ou seja, onde os filhos da classe dominante, que não eram primogênitos, iam para ocupar seu tempo livre, já que não se interavam dos negócios da família, nem tão pouco, se ocupavam do trabalho braçal, como. Saviani (1983, p.179),

(...) não tem por objeto a realidade. Refere-se, pois, á clareza e consistência dos enunciados relativos aos fenômenos eles mesmos (...). A ele cabe fazer a essepria da linguagem, depurá-la de suas inconsistências e ambigüidades. Não é sua tarefa produzir enunciados e muito menos práticas.

No entanto, com o advento da revolução industrial e da revolução francesa, a escola ganha nova função, qual seja, formar mão-de-obra para a indústria, e aí a escola se abre para a classe popular.

Tal mudança fez a escola padecer de uma ambigüidade bem explicitada por Vasconcelos (1995:27).

(...) de um lado é necessário para dar certos rendimentos da cultura, e principalmente como fator disciplinador, preparando a docilidade de futuro trabalhador; de outro, ao fornecer elementos da altura corre o risco de formar pessoas mais conscientes e questionadoras.

Diante de tal situação, surge a necessidade de um instrumento funador, que possibilite a educação da classe dominada de forma controlada. O que sugere a avaliação

como elemento classificatório, a qual vai atender a uma pedagogia autoritária, que por sua vez vai atender aos interesses, da classe dominante, não se dando assim de forma gratuita.

Logo não podemos conceber a avaliação como um fenômeno que se limita ao âmbito escolar, ou seja, não podemos concebê-la de forma reducionista, mas como tendo sua origem no sistema econômico social vigente.

Partindo desse pressuposto, a avaliação não deve ser concebida como um fenômeno neutro, objetivo, tendo em vista que Vasconcelos (1995:29).

(...) sob uma falsa aparência de neutralidade e objetividade, é o instrumento por excelência de que lança mão o sistema de ensino para o controle das oportunidades educacionais e para a dissimulação das desigualdades sociais, que ela oculta sob a fantasia do dom natural e do mérito individualmente conquistado.

Não se considerando a diversidade de universos sócio-culturais dos alunos que estão sendo avaliados, nem o impacto dessa diversidade em seu desempenho. Utilizando-se os mesmos instrumentos de avaliação para todos, entendendo-se o conhecimento como algo estático, acabado, a ser ministrado verticalmente por professores a seus alunos, de forma mecânica e repetitiva segundo Hoffman (2001:39/40)

(...) avaliação por objetivo (grife do autor). Essa, proposta passou a ser referencial teórico básico nos cursos de formação de professores, causando até hoje grande e duradoura repercussão nos meios educacionais.

1.7 Situando o estudo através da avaliação

Situando o estudo através da avaliação, ou seja, na concepção de TYLER a avaliação deve ser um instrumento que promova mudança de comportamento do educando, logo deve ser entendida como um ato neutro, instrumental, não se questionando o peso das expectativas docentes do próprio ato avaliativo, ou o impacto das diversidades dos universos sócio-culturais dos alunos em seu desempenho.

Segundo Luckesi (1997/30), desta concepção surgem três pedagogias diferentes, a saber:

A pedagogia tradicional, centrada no intelecto, na transmissão do conteúdo e na pessoa do professor, onde a avaliação se dá por meio de provas, exames, chamadas orais, exercícios, etc., dando ênfase à quantidade e exatidão de informações que o aluno consegue reproduzir.

A pedagogia renovada ou escalonovosta, centrada nos sentimentos, na espontaneidade da produção do conhecimento e no estudo e com suas diferenças individuais, onde prevalece a outra avaliação.

A pedagogia tecnicista, centrada na exacerbação dos meios técnicos de transmissão e apreensão dos conteúdos e no principio do rendimento, onde a avaliação consiste em se constatar se o aluno aprendeu e atingiu os objetivos propostos quanto o programa foi conduzido até o final de forma adequada.

As pedagogias, acima citadas, são traduções do modelo liberal conservador da nossa realidade, o que implica compreendê-los como tentativa (sem sucesso) de equalização social. Percebe-se que cada uma apresenta em cadeia, características de avaliação diferenciadas pela proposta que as determinam.

Assim, tais pedagogias se valem da avaliação, segundo Luckesi (1997/30),

Para traduzir as aspirações do modelo social, por meio da educação, estabelecendo um ritual pedagógico de contornos, suficientemente definidos, de tal forma que a integridade do sistema a permanência intocável.

1.8 Uma retrospectiva da avaliação

Tendo em vista, a avaliação na perspectiva das citadas pedagogias, entendemos assim como Vasconcelos (1995:26) que: “... o problema da avaliação ocorre na sala de aula, mas sua base está no sistema de ensino, que corresponde a interesses de um determinado sistema social...”

Assim, pensar a avaliação de forma a superar sua visão estática e classificatória significa pensar no processo de ensino-aprendizagem com um todo, fazê-lo trabalhar a favor da permanência do aluno no sistema de ensino, buscando uma aprendizagem efetiva e significativa.

A avaliação transformadora não se limita ao momento final do processo, ela o acompanha em sua trajetória de construção cotidiana. Busca identificar os padrões culturais dos alunos que cheguem as escolas e os elementos necessários para ampliar esses padrões, através de uma relação de dialogo no dia-a-dia das práticas de ensino, o que pressupõe uma relação dialética. O que, segundo Vasconcelos (1995:47) *“Vai fazer com que, Supere-se tanto o sujeito passivo da educação tradicional quanto o sujeito ativo da educação nova, em direção ao sujeito interativo”*.

Para tanto o professor deve deixar espaço para o aluno construir seu próprio conhecimento sem se preocupar em repassar conceitos prontos.

CAPÍTULO II

2.1 Percursos metodológicos e estudos de casos

Nosso trabalho será feito de forma a completar os aspectos teórico prático da avaliação.

Será realizado um aprofundamento teórico tendo como base, a bibliografia que norteia esta proposta através de momento de estudos individuais e coletivos, nas dependências da própria escola, através de atividades como: leitura de textos reflexivos, leitura pontuada de textos teóricos, questionamento e discursões em grupos.

Utilizaremos, também, entrevista estruturada, feita com os alunos, que são avaliados, para um posterior diagnóstico do aspecto emocional dos mesmos, nestes momentos.

Em seguida faremos análise dos instrumentos de avaliação utilizada na escola, buscando identificar os pontos de interesses dos que são possíveis de melhoria.

Optamos por esta metodologia, tendo em vista o espaço da escola pesquisada o nível de formação de professores e o tempo disponível para a pesquisa de forma a favorecer nosso principal interesse, qual seja, promover uma reflexão no interior da escola, buscando suscitar uma nova postura por parte dos professores, em relação a questão avaliativa.

2.2. Características da Escola

A escola Municipal Galdino Antonio da Silva localizada na Rua: Joel Pereira em Carrapateira Paraíba, tem estrutura física grande funcionamento em três turno pela manhã de quinta ao nono, pela tarde do segundo ao quinto ano e a noite o EJA, pela tarde funciona sete salas de aulas 2 com o segundo ano, 2 com o terceiro ano, 1 com o quarto ano e as outras 2 com o quinto ano.

Na escola tem uma cantina, seis auxiliares de serviços e de preparação de lanches, trabalhando todos em conjunto.

A escola tem um banheiro masculino e outro feminino conservados sempre limpos. Tem uma biblioteca, não tem quadra de esporte, laboratório, tem sala de recursos de áudio visuais, não tem sala com recursos para alunos especiais, mas dispõe de uma sala para os professores onde todos se reúnem na ora da recreação.

Tenho uma observação a fazer: os livros de leitura infantil são deixados na própria sala de aula, numa prateleira a parte, quando os professores querem ler historia escolhem um livro, os alunos também tem acesso aos livros.

As gestora da Escola é Valéria, Vice Sinvaldete, escolhida pela secretaria da educação do município. A escola dispõe de núcleo gestor e na escola existe na pratica de gestão participativa onde os professores e gestores trabalham em conjunto.

O conselho escolar da escola esta em tramitação.

A escola tem projeto político pedagógico que esta sendo elaborado, mas já se trabalha com projeto P.P.P. Sim o p.p.p. influencia na educação quando, por exemplo, se trabalha o projeto lixo, onde atua a secretaria da saúde da ação social e da educação juntos para acabar o surto de dengue do município.

A escola não dispõe de projetos como amigo da escola, acelera Brasil etc.

A única parceria da escola é com a família. Na medida em que os pais tomam conhecimento de como são tratados os filhos na escola é que os pais precisam vir para a escola participar da vida escolar dos filhos, saber das dificuldades pro eles apresentados do comportamento, do relacionamento com as outras crianças etc.

A escola tem aproximadamente 391 alunos. Os professores da escola são acompanhados por uma coordenadora pedagógica uma vez por semana pra fazer plano de curso e plano de aula.

Quando ao aspecto pedagógico a relação professor e aluno é de cuidados já que são crianças de 14 anos abaixo.

A escola disponibiliza de matérias pedagógicas. A escola também produz com materiais de sucata tampas, para trabalho da matemática das letras etc.

O livro didático é trabalhado de acordo com os avanços da aprendizagem e das descobertas feitas pelas crianças.

As metodologias mais frequentes são:

- Trabalhar as sílabas
- Trabalharmos com os nomes para escreverem destacar a 1ª letra.
- Substituição de símbolos por letras.
- Cruzadinhas.
- Auto-ditado.
- Relacionar o número e quantidade
- A adição e subtração multiplicação.
- Pronomes.
- Verbos.
- Problemas com adição e subtração.

A escola trabalha projeto como: o planeta não é lixeira semana da cultura, festas juninas, folclore, culinária na escola, projetos dos dentistas etc.

O planejamento de ensino é realizado coletivamente com todos os professores que ensinam no fundamental I.

A escola ajuda disponibilizando reforço à tarde com professores dos programas para alunos com dificuldades na aprendizagem.

A avaliação é feita sob um olhar observador dos professores com aqueles que avançam os conteúdos vão sendo modificados aqueles que não sobressaem vai sendo trabalhadas metodologias repetidas para que eles superem as dificuldades.

A escola dispõe de novas tecnologias como televisão, computadores, DVD, aparelho de som.

A indisciplina é trabalhada com pequenas punições como, por exemplo: o aluno que não faz os exercícios e não participa das aulas bem, fica fazendo as atividades na hora da recreação.

Observei ainda que as crianças precisam de motivação para aprender mais e melhor é que os professores precisam realizar suas práticas pedagógicas e suas metodologias.

A escola precisa muito recursos e materiais pedagógicos. É feito na escola reunião com os pais dos alunos para poderem os pais e os professores conversarem melhor a respeito dos filhos e alunos.

Os professores participam de um encontro de formação semanal chamado proletramento, onde as experiências são passadas para os professores na vivência cotidiana, com material concreto.

As escolas municipais de carrapateira esta juntamente com a secretária da saúde e a secretaria da ação social trabalhando pela conquista do selo UNICEF que comprova que o município tem qualidade de vida em todos os aspectos.

A relação dos professores entre si e com a gestão é boa de ajuda e companheirismo a secretaria da Educação é atuante e cheia de garra para trabalhar pela melhoria do município.

Eu observo que a aprendizagem da leitura é muito tardio para a maioria dos alunos uma sala com 20 alunos de 7 a 9 anos abaixo, apenas 10 sabem ler um pouco e o restante é como se estivesse só com o corpo presente. Não avançam na hora de contar historias penas alunos mostram interesse outro não consegue adquirir o habito da escrita.

2.3 Analise dos dados

Com base destes dados a serem coletados na E.M.E.F. Galdino Antonio da Silva. Onde esta coleta foi feita com o objetivo de conhecer melhor a realidade de professores e aluno onde se trata das praticas avaliativas que se tão no cotidiano da escola.

Então professores e alunos são os principais sujeitos envolvidos na temática avaliação, no entanto foram estes que nos fornecerem importantes informações, cada vez mais necessitamos para melhor estudar sobre a devida temática diante da complexidade da avaliação.

De acordo com a perspectiva de aprofundar o estudo sobre avaliação em que foram abordados dois tipos de questionários foram criado e posteriormente a plicados professores e alunos da escola indicada acima.

Os questionários do professor foi composto por nove questões sendo respondida por quatro professores onde lecionam no ensino fundamental, principalmente nas séries iniciais.

O questionário dos discentes, foram respondidos por vinte e quatro alunos, do terceiro ano do ensino fundamental.

Podemos resultar que além dos questionários foi utilizado também o caderno de campo para a coleta de registros durante o processo de observação, onde cuja informações contidas forma utilizadas como importantes subsídios para melhor analise aos dados a seguir.

2.4 Como pensa os professores

A concepção destes professores classificados por A, B, C, e D, o ato de avaliar é um momento de provas, trabalhos e produção textuais ou mesmo um momento de atribuição de notas. Para eles a avaliação é um processo de acompanhamento na aprendizagem do aluno, através desta dialógica, diagnosticar seus avanços e dificuldades para que a partir destes o professor possa organizar mais sua prática pedagógica.

Diante das respostas dos professores, podemos afirmar que o olhar avaliativo dos professores questionados é igual a muitos pensadores da avaliação que concebem como processo continua onde professores e aluno constroem de forma conjunta a aprendizagem.

O processo avaliativo, em sua perspectiva media, clara, se destina, assim, a acompanhar, entender, favorecer a continua progressão do aluno em termos destas etapas: mobilização, experiência educativa e expressão do conhecimento, alargando o ciclo que se configura [...] no sentido de favorecer a abertura do aluno a novas possibilidades: Hoffmann, (2001/118).

A professora A. coloca que a concepção da avaliação é um método que o professor usa para identificar a aprendizagem dos seus alunados. Já a professora B coloca que a avaliação é um instrumento de alerta, onde os alunos constrói seu próprio conhecimento, onde eles sejam capazes de caminhar sozinha.

Outra resposta que me pareceu insatisfeita foi a da professora C, ela diz que a nota pode tornar-se instrumento e da sinalização quando seu reducionismo for compensado pela clareza maior da informação e da sinalização em torno do que fazer. No entanto ela continua dizendo que a nota não representa a aprendizagem, ela indica a aprendizagem, sempre sob risco de interpretações própria do professor e aluno.

No entanto a professora D fala que a busca de uma concepção nova de avaliação propõe fundamentalmente uma busca continua de novos conhecimentos, questionamento e

criatividade sobre a idéia em discussão em que o compromisso do avaliador possa a ser o de mobilizá-lo a buscar sempre novos conhecimentos, o de ajustar experiências educativas as necessidades e interesses percebidos ao longo desse processo.

Aprender é uma atividade de apropriação de saber que não se possui, mas cuja existência é depositada em objetivos, locais, pessoas. Essa que já trilharam o caminho que devo seguir podem ajudar-me a aprender, isto é, executar uma função de acompanhamento, de mediação. Charlot. (2000/68)

A professora A e B, relata que o debate também é muito importante para que o aluno socialize sua opinião, para que eles exponha sua hipóteses, ou seja, incentivada a justificar suas opiniões e também para aprender a ouvir os outros representando as diferenças, desta forma também podemos a avaliar.

Já com relação a professora C e D, elas dizem que a aprendizagem é o foco mais importante na avaliação.

“E o educador ânsia de “mostrar serviço”, compensar e camufla seu próprio sentimento de importância, trabalhar exaustivamente e tentar responder, desesperadamente aos desafios de uma sociedade cada vez mais complexas e mais exigentes” Romão, (2003/61).

Sabemos que muitas vezes o PPP (Projeto Político Pedagógica) e o regimento escolar são elaboradas com alguns participação dos professores. Ou seja, são criados para atender exigências burocráticas, e tem uma grande contribuição com o real desenvolvimento dos alunos.

2.5 O que dizem os alunos

O questionário foi respondido por vinte e quatro alunos, especialmente do terceiro ano de ensino fundamental.

No entanto a participação do aluno em sala de aula é um ser fundamental na avaliação. É o meio da oralidade, é onde o aluno expõe suas opiniões, que analisamos até que ponto o aluno compreendeu o conteúdo trabalhado em sala de aula.

Acreditamos muitas vezes que o aluno aprendeu, mas por timidez, ou por dificuldade ele tem medo de expor suas idéias, além disso, por muitas vezes ele tem uma turma numerosa, nem sempre todos podem ter uma oportunidade de falar.

Mas o aluno X coloca que a prova não serve de instrumento para ser avaliado, por isso a prova não serve para o professor avaliar algum e sim para deixar os alunos cada vez mais nervoso, já o outro fala que a prova deixa os alunos tenso.

2.6 Análise do Estágio

Para realizar este trabalho de estágio na turma do 2º ano da E.M.E.F. Galdino Antonio da Silva, localizada na rua Joel Pereira da Silva, Carrapateira – PB.

Os conteúdos aplicados em sala de aula foram planejados na referida turma e escola, a partir da realidade vivida pelos alunos tentando fundir os conteúdos curriculares do livro didático.

Na primeira semana fiz uma pequena apresentação, procurando harmonizar o primeiro contato. Em seguida através de diálogos com os alunos apresentamos os conteúdos que foram as plantas e leitura do texto. Executando as aulas através de métodos explicativo procurando interagir com o alunado, incentivando – os a buscarem através dos estudos a melhor compreensão acerca do mundo bem como procurarem outras referências para confrontar com o conteúdo exposto pelo livro didático, o qual possibilitará uma melhor amplitude sobre o assunto. Tendo em vista que segundo (Piaget 2000,58)

“ (...) O conhecimento não procede suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem de objeto já constituído) do ponto de vista do sujeito ou que a ele se imporia. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, depende portanto dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indeferência completa e não de intercambio entre formas distintas.”

Na segunda foi com gincanas de matemática para aprofundar mais a familiarização das operações fundamentais com a vida leitura e construção de gifs para trabalhar pontuação (projeto de leitura e escrita).

Na terceira semana com uma pesquisa em equipe na disciplina de ciências sobre diversos temas do cotidiano dos alunos, partindo de pontos de sua vivência, tipo alimentação, saúde, higiene, física e etc. Aspectos históricos e geográficos da nossa região. Segundo Vasconcelos C 1995; 27).

" (...) de um lado é necessário para dar certos rendimentos da cultura e principalmente como fator disciplinador, preparando a docilidade do futuro trabalhador; de outro ao fornecer elementos da cultura corre o risco de formar pessoas mais conscientes e questionadoras".

Na quarta semana de início com uma oração e reflexões convívios social jogos brincadeiras do dia – a dia e dinâmicas tendo objetivos de ajudar respeitar e compreender os colegas para a educação física.

Na quinta semana desenvolvemos uma avaliação pedagógica usando de maneira mais dinâmicos possíveis novos métodos, na prática de leitura através do trabalho em grupo envolvendo literatura infantil, contos gibis e rótulos e com isso acredito ter desenvolvido a capacidade da criança, a qual passava recortar as atividades de maneira que ficaram nelas em forma de relatos, interpretações teóricas etc. comissão os alunos tiveram melhor desempenho de aprendizagem, melhorando também no desenvolvimento do senso crítico. Desenvolvi uma pesquisa de história sobre a família onde as crianças podem construir o seu desenvolvimento e a sua construção do seu próprio conhecimento.

O ponto central do estágio foi desenvolver em sala de aula o projeto de avaliação onde tinha por objetivo melhorar esse tipo de conhecimento para os alunos tomando os melhores avaliadores.

Busquemos com esse trabalho a formação de cidadãos capazes de compreender como devemos avaliar, afetando assim um vasto saber cultural e social.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de avaliação com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendem isso na escola, principalmente quando os alunos não tem

contato sistemático com bons materiais de qualidades, modelos de leitores eficientes e práticos avaliadores eficazes

Antes de partir para a elaboração dos planos de aula, num primeiro momento, fez um levantamento bibliográfico e a leitura dessas obras para ter uma maior aproximação em resultados dos meus objetivos. Como forma de obter a bagagem necessário a minha pratica docente

Aprendemos com esse trabalho em com as leituras que fiz para realiza – lo, que o ensino deve procurar desenvolver a inteligência e as atividades dos alunos, considerando a situação social em que estão inseridos

Observamos que os pensamentos são inovadores, mas as praticas ainda estão enraizadas nos métodos tradicionais, tais como: prova,avaliação por nota qualitativa, visto de exercicios, etc.deixando de lado realmente o que o aluno aprendeu, contrariando os discurso inicial definido.

Deve se formar uma consciência educacional onde a partir delas os alunos e professores saiba quais suas dificuldades e seus avanços na aprendizagem Freire (1982), diz: “ A avaliação é da pratica educativa e não de um pedaço dela”.

Como conclusão fizemos um exercício de verificação de aprendizagem onde, o resultado foi positivo. Isso mim deixou mais motivada para mostrar que meu trabalho foi proveitos.

Finalizamos o estagio agradecendo a professora, a direção e aos alunos pelo carinho e acolhimento por nós e assim a etapa foi vencida.

Considerações finais

Realizando esse trabalho percebemos que é de grande mérito o estudo, o estudo realizado sobre a avaliação. A falta da avaliação ocorre em grande número por parte de dedicação ao ensino e hoje com matérias didáticas mais globalizadas facilitou no processo de aprendizagem do aluno.

Devido a isso, a escola como um todo, se preocupa em manter um ensino mais gratificante e coerente para todo corpo discente. Desta forma, a avaliação pode contribuir para desenvolvê-lo, a capacidade das crianças com o nosso trabalho, pretendemos adquirir conhecimentos teóricos e confrontá-los com as práticas em sala de aula, visando descobrir elementos que favoreçam uma prática avaliativa.

Analisando os dados coletados do estágio, fizemos um levantamento sobre o ponto central do estágio, onde iremos desenvolver em sala de aula um projeto de avaliação onde tinha por objetivo melhorar esse tipo de conhecimento para os alunos tornando os melhores avaliadores. Busquemos com esse trabalho a formação de cidadãos capazes de compreender e como devemos avaliar, afetando assim um vasto saber cultural e social.

Ao concluirmos esse trabalho, trago para o público docente a certeza de como é arduo o trabalho de orientação do indivíduo, desde o nascer ao morrer. Porém o capítulo mais bonito da história de cuidar de alguém é quando ele volta toda a sua história e vê que a sua existência não foi omissa para consigo mesmo e melhor ainda se ela também não se omitiu o outro.

Neste sentido concebemos a avaliação como uma poderosa ferramenta de trabalho que auxilia todos os envolvidos no processo a aperfeiçoarem-se na busca de soluções para os problemas de aprendizagem do educando. Dessa forma os resultados desse trabalho a avaliação podem ser usados para compreendermos em que estágio se encontra o aluno e tomar decisões que ajude a avançar no processo ensino aprendizagem, visando dessa forma afirmação dos principais envolvidos no processo.

Acreditamos na relevância deste trabalho, tendo em vista os altos índices de reprovação e exclusão, principalmente no primeiro ciclo do ensino fundamental, propiciando pela avaliação que funciona como arma programada para assustar e punir.

Partimos do pressuposto de que a avaliação é parte determinante no processo ensino-aprendizagem e enquanto ação supervisora deve situá-la como elementos possibilitados da construção de um projeto coletivo que favoreça a construção do conhecimento exercendo-a numa perspectiva transformadora.

A perspectiva dessa temática é de realizar um breve estudo da concepção de alguns professores sobre o ato avaliativo no sistema educacional, o que leva a crer que de diferentes formas cada professor estabelece uma definição do que é uma prática avaliativa. Pois o simples ato avaliativo sem reflexão se torna uma arma na mão do educando tanto para destruir como para construir aprendizagem. Pois só assim se tornará um processo através do qual se favorece a aprendizagem.

Este trabalho será feito de forma a contemplar os aspectos teóricos-práticos da avaliação. Será realizado um aprofundamento teórico tendo como base, a bibliografia que norteia esta proposta, através de momentos de estudos individuais e coletivos nas dependências da própria escola.

A avaliar deve apenas servir de base para um melhor planejamento, já o resultado da mesma vai servir para o educador repensar em sua metodologia de ensino e atuar não só da mesma forma durante uma vida inteira de ensino, mas sim, se remova a cada avaliação aplicada.

Avaliar, portanto, é uma constante auto avaliação feita pelo próprio educando, já que é ele indicador de caminhos que serão trilhados pelos educandos. Sendo assim a avaliação da aprendizagem é reflexo da metodologia do professor.

Esse é o item mais crítico, acreditamos que todas as instituições de educação, principalmente as públicas. Uma avaliação de qualidade deveria ser baseada em um acompanhamento permanente e mútuo da prática educativa pelo professor e pelos alunos.

Partindo dessa idéia, de que a mola principal das mudanças é a postura e crença do educador, nem repensar a educação e a sua própria caminhada, é que se produziu esse projeto e espera-se que realmente a avaliação acontece se não necessita de tempo para se consolidar plenamente, às vezes não acontece em toda sua essência, mas todo corpo escolar está confiante que com essa atitude deram uma significativa contribuição para as coisas acontecerem.

Concluindo as reflexões, os professores acreditam que melhorou o papel social da escola, onde a mesma passou a ter uma estrutura de atuação, frente as profundas desigualdades socioeconômicas, que excluem da escola uma parcela da população marginalizada pelas concepções e práticas de caráter conservador inspiradas em práticas que não conduzem com a realidade social em que estão inserido.

Quando a escola assume a responsabilidade de atuar na transformação e na busca do desenvolvimento social, seus avaliadores devem empenhar-se na elaboração de uma proposta para a realização desse objetivo. Essa proposta ganha força na construção de um projeto poético pedagógico.

Partindo de uma construção democrática, os educadores se sentirão atraídos por essa proposta, pois só assim terão uma postura comprometida e responsável. Trata-se, portanto da conquista coletiva de um espaço para o exercício da avaliação.

O que ficou claro foi a preocupação de se ter o cuidado de que essa avaliação, porém, não fosse confundida com a apologia a um trabalho isolado, marcado por uma liberdade ilimitada, que transformasse a escola numa ilha de procedimentos sem fundamentação nas considerações legais de todo sistema de ensino, perdendo, assim a perspectiva de sociedade com um todo. Os educadores da referida instituição de ensino sabe que agora essa conquista da avaliação implica também em responsabilidades e também comprometimentos com esta instituição que representa a comunidade escolar (conselhos de escolas, associações de pais e mestres, entre outros), para que haja participação e compromisso de todos.

Do contrário, a escola que são toda a qual pertencem, não estará efetivamente cumprindo o papel que ela mesma sugeriu, socializando o conhecimento e investindo na qualidade do ensino. A escola agora passa a ter uma função bem mais ampla do que passar conteúdos. Porém para que funcione devem-se modificar as suas próprias práticas muitas vezes fragmentadas individualista, reflexas da divisão social a qual estamos inseridos.

Concluimos esses estudos na certeza de que foi último em nossa formação profissional. Acredito que o professor busque novas estratégias e demonstre real interesse em entender novas maneiras de avaliar claramente que não importa o tamanho do trabalho que irá acontecer, importa o sucesso dos resultados que irá obter.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

CORTESÃO, L. (1991): Avaliação na investigação – ação. 2º Congresso da S.P.C. Educação em Braga: Mmeo.

DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa. São Paulo: Cortes, 1987.

HADJI, Charles. Avaliação demistificada, Porto Alegre Artmed, 2001.

FREIRE, Madalena. Avaliação e planejamento. A prática educativa e questão série – seminários – espaço pedagógico, São Paulo, 1982.

PCNS, Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FNDE – Revista Pedagógica Pátio: Avaliação novos desafios. Aritmed editora, 2005.

SOUSA, Clariza Prado (org). Avaliação do rendimento escolar. 4º edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

ESTEBAN, Maria Tereza (org). Avaliação uma prática em busca de novos sentidos, Rio de Janeiro: DPS. 2000.

HOFFMANN, Jussara. Mito e desafio: uma perspectiva. Porto Alegre: educação e realidade, 1995. avaliação mediadora. Porto Alegre, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proporções. 5º edição. São Paulo: Cortez, 1997.

ROMÃO, E. J. Avaliação dialogada: desafios e perspectivas 5º edição. São Paulo: Cortez, 2003.

SOEIRO, Leda & AVELINE, Suely. Avaliação educacional. Porto Alegre Sulina, 1982.

VASCONCELOS, Celso. Avaliação: concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. In cadernos Libertad. São Paulo: Libertad, 1995.

SAN'ANNA, Ilza Martins. Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: vozes, 1995.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. Metodologia científica; a construção do conhecimento. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora 2000.

SAUL, Ana Maria. Avaliação emancipatória. São Paulo: Cortez, 1998.

LDB – Lei de diretrizes e base da educação 9.394/96, 1996.

SAVIANI, Demerval. As teorias da educação e o problema da marginalidade. Escola e democracia. São Paulo, Cortez, 1983

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS, PARAÍBA

ANEXOS

Escola:

Série:

Idade:

Já repetiu o ano _____

Se sim quantas vezes ()

Questionário

1º- Como você ver o momento de avaliação?

- a)- () Momento de aprender
- b)- () Momento de punição
- c)- () Momento de provas
- d)- () Momento de avaliar conhecimentos

2º- Nos dias de prova você se sente:

- a)- () Seguro
- b)- () Tenso
- c)- () Nervoso
- d)- () Inseguro

3º- Quais os instrumentos de avaliação que o seu professor usa para avaliar a sua aprendizagem?

- a)- () Testes
- b)- () Trabalho individual
- c)- () Atividade oral
- d)- () Pesquisa

4º- O professor já propôs alguma atividade em que você pudesse se dar uma nota? Que atividade?

- a)- () Produção de texto
- b)- () Seminário

c)- () Dinâmica de grupo

5º- Como você se sente não tirar notas baixas?

a)- () Fracassado

b)- () Decepcionado

c)- () Confiante

d)- () Desestimulado

6º- Qual a postura do seu professor diante dos seus erros?

a)- () Compara você aos que sabe

b)- () Ignora os erros

c)- () Trabalha os erros em sala de aula

d)- () Buscar expor a idéia adequada procurando não constranger o aluno

7º- Como você considera sua participação em seu processo de aprendizagem?

a)- () Mais ou menos

b)- () Ativa

c)- () Pouca ativa

d)- () Necessária

8º- Durante as aulas o seu professor prioriza:

a)- () A aprendizagem

b)- () Frequência

c)- () as notas

d)- () Participação

9º- Em sua opinião as práticas avaliativas adotada em sua escola esta voltada para:

a)- () Controle dos conteúdos ensinados

b)- () Preparar para a próxima série

c)- () Contribuir para o aprendizado

d)- () Organização de saberes

10º- Que estratégias seu professor utiliza para incentivar a participação dos alunos?

- a)- () Fazendo perguntas
- b)- () Pedindo opinião da turma
- c)- () Pedindo constante silêncio

Questionário do Professor

Escola:

Formação:

Tempo que trabalha em educação

1º- Qual a sua concepção de avaliação?

2º- Como o professor, você desenvolve atividades onde o aluno possa se avaliar?

Quais?

3º- Que critérios você usa no momento de avaliar?

4º- Em sua prática pedagógica que instrumentos de avaliação você usa com mais frequência?

5º- Qual a sua atitude diante dos erros dos alunos?

6º- Qual a sua postura diante dos diferentes níveis de aprendizagem de seus alunos?

7º- No momento de avaliar que competências você pretende desenvolver em seus alunos?

8º- Como avaliador que estratégias você utiliza para tornar a avaliação uma prática inclusiva?

9º- Para você normas institucionais podem interferir em sua prática avaliativa?

Quais?

Como?

OS NOVE JEITOS MAIS COMUNS DE AVALIAR

TIPOS	Prova objetiva	Prova dissertativa	Seminário	Trabalho em grupo
DEFINIÇÃO	Série de perguntas diretas, para respostas curtas, com apenas uma solução possível.	Série de perguntas que exijam capacidade de estabelecer relações, resumir, analisar e julgar.	Exposição oral para um público leigo, utilizando a fala e materiais de apoio adequados ao assunto.	Atividades de natureza diversa (escrita, oral, gráfica, corporal, etc.) realizadas coletivamente.
FUNÇÃO	Avaliar quanto o aluno aprendeu sobre dados singulares e específicos do conteúdo.	Verificar a capacidade de analisar o problema central, abstrair fatos, formular idéias e redigi-las.	Possibilitar a transmissão verbal das informações pesquisadas de forma eficaz.	Desenvolver o espírito colaborativo e a socialização.
VANTAGENS	É familiar às crianças, simples de preparar e de responder e pode abranger grande parte do exposto em sala de aula.	O aluno tem liberdade para expor os pensamentos, mostrando habilidades de organização, interpretação e expressão.	Contribui para a aprendizagem do ouvinte e do expositor, exige pesquisa, planejamento e organização das informações; desenvolve a oralidade em público.	Possibilita o trabalho organizado em classes numerosas e a abrangência de diversos conteúdos em caso de escassez de tempo.
ATENÇÃO	Pode ser respondida a acaso ou de memória e sua análise não permite constatar quanto o aluno adquiriu de conhecimento.	Não mede o domínio do conhecimento, cobre amostra pequena do conteúdo e não permite amostragem.	Conheça as características pessoais de cada aluno para evitar comparações na apresentação de um tímido ou outro desinibido.	Esse procedimento não tira do professor a necessidade de buscar informações para orientar as equipes. Nem deve substituir os momentos individuais de aprendizagem.
PLANEJAMENTO	Selecione os conteúdos para elaborar as questões e faça as chaves de correção; elabore as instruções sobre a maneira adequada de responder às perguntas.	Elabore poucas questões e dê tempo suficiente para que os alunos possam pensar e sistematizar seus pensamentos.	Ajude na delimitação do tema, forneça bibliografia e fontes de pesquisa, esclareça os procedimentos apropriados de apresentação; defina a duração e a data da apresentação; solicite relatório individual de todos os alunos.	Proponha uma série de atividades relacionadas ao conteúdo a ser trabalhado, forneça fontes de pesquisa, ensine os procedimentos necessários e indique os materiais básicos para a consecução dos objetivos.
ANÁLISE	Defina o valor de cada questão e multiplique-o pelo número de respostas corretas.	Defina o valor de cada pergunta e atribua pesos a clareza das idéias, para a capacidade de argumentação a conclusão e a apresentação da prova.	Atribua pesos à abertura, ao desenvolvimento do tema, aos materiais utilizados e à conclusão. Estimule a classe a fazer perguntas e emitir opiniões.	Observe se houve participação de todos e colaboração entre os colegas, atribua valores às diversas etapas do processo e ao produto final.
COMO UTILIZAR AS INFORMAÇÕES	Liste os conteúdos que os alunos precisam memorizar; ensine estratégias que facilitem associações, como listas agrupadas por idéias, relações com elementos gráficos e ligações com conteúdos já assimilados.	Se o desempenho não for satisfatório, crie experiências e motivações que permitam ao aluno chegar à formação dos conceitos mais importantes.	Caso a apresentação não tenha sido satisfatória, planeje atividades específicas que possam auxiliar no desenvolvimento dos objetivos não atingidos.	Em caso de haver problema de socialização, organize jogos e atividades em que a colaboração seja o elemento principal.

Debate	Relatório Individual	Auto-avaliação	Observação	Conselho de classe
Discussão em que os alunos expõem seus pontos de vista a respeito de assunto polêmico.	Texto produzido pelo aluno depois de atividades práticas ou projetos temáticos.	Análise oral ou por escrito, em formato livre, que o aluno faz do próprio processo de aprendizagem.	Análise do desempenho do aluno em fatos do cotidiano escolar ou em situações planejadas.	Reunião liderada pela equipe pedagógica de uma determinada turma.
Aprender a defender uma opinião fundamentando-a em argumentos convincentes.	Averiguar se o aluno adquiriu conhecimento e se conhece estruturas de texto.	Fazer o aluno adquirir capacidade de analisar suas aptidões e atitudes, pontos fortes e fracos.	Seguir o desenvolvimento do aluno e ter informações sobre a área afetiva, cognitiva e psicomotora.	Compartilhar informações sobre a classe e sobre cada aluno para embasar a tomada de decisões.
Desenvolver a habilidade de argumentação e a oralidade; faz com que o aluno aprenda a escutar com um propósito.	E possível avaliar o real nível de apreensão de conteúdos depois de atividades coletivas ou individuais.	O aluno torna-se sujeito do processo de aprendizagem, adquire responsabilidade sobre ele, aprende a enfrentar limitações e a aperfeiçoar potencialidades.	Perceber como o aluno constrói o conhecimento, seguindo de perto todos os passos desse processo.	Favorece a integração entre professores, a análise do currículo e a eficácia dos métodos utilizados; facilita a compreensão dos fatos com a exposição de diversos pontos de vista.
Como mediador, dê chance de participação a todos e não tente apontar vencedores, pois em um debate deve-se priorizar o fluxo de informações entre as pessoas.	Evite julgar a opinião do aluno.	O aluno só se abrirá se sentir que há um clima de confiança entre o professor e ele e que esse instrumento será usado para ajudá-lo a aprender.	Faça anotações no momento em que ocorre o fato; evite generalizações e julgamentos subjetivos; considere somente os dados fundamentais no processo de aprendizagem.	Faça sempre observações concretas e não rotule o aluno; cuidado para que a reunião não se torne apenas uma confirmação de aprovação ou de reprovação.
Defina o tema, oriente a pesquisa prévia, combine com os alunos o tempo, as regras e os procedimentos; mostre exemplos de bons debates. No final, peça relatórios que contenham os pontos discutidos. Se possível, filme a discussão para análise posterior.	Defina o tema e oriente a turma sobre a estrutura apropriada (introdução, desenvolvimento, conclusão e outros itens que julgar necessários, dependendo da extensão do trabalho); o melhor modo de apresentação e o tamanho aproximado.	Forneça ao aluno um roteiro de auto-avaliação, definindo as áreas sobre as quais você gostaria que ele discorresse; liste habilidades e comportamentos e pela para ele indicar aquelas em que se considera apto e aquelas em que precisa de reforço.	Elabore uma ficha organizada (check-list, escalas de classificação) prevendo atitudes, habilidade e competências que serão observadas. Isso vai auxiliar na percepção global da turma e na interpretação dos dados.	Conhecendo a pauta de discussão, liste os itens que pretende comentar. Todos os participantes devem ter direito à palavra para enriquecer o diagnóstico dos problemas, suas causas e soluções.
Estabeleça pesos para a pertinência da intervenção, a adequação do uso da palavra e a obediência às regras combinadas.	Estabeleça pesos para cada item que for avaliado (estrutura do texto, gramática, apresentação).	Use esse documento ou depoimentos como uma das principais fontes para o planejamento dos próximos conteúdos.	Compare as anotações do início do ano com os dados mais recentes para perceber o que o aluno já realiza com autonomia e o que ainda precisa de acompanhamento.	O resultado final deve levar a um consenso da equipe em relação às intervenções necessárias no processo de ensino-aprendizagem considerando as áreas afetiva, cognitiva e psicomotora dos alunos.
Crie outro debate em grupos menores; analise o filme e aponte as deficiências e os momentos positivos.	Só se aprende a escrever escrevendo. Caso algum aluno apresente dificuldades em itens essenciais, crie atividades específicas, indique bons livros e solicite mais trabalhos escritos.	Ao tomar conhecimento das necessidades do aluno, sugira atividades individuais ou em grupo para ajudá-lo a superar as dificuldades.	Esse instrumento serve como uma lupa sobre o processo de desenvolvimento do aluno e permite a elaboração de intervenções específicas para cada caso.	O professor deve usar estas reuniões como ferramenta de auto-análise. A equipe deve prever mudanças tanto na prática diária de cada docente como também no currículo e na dinâmica escolar, sempre que necessário.